



UM EREMITA NA ATUAL POESIA MOÇAMBICANA

A HERMIT IN THE CURRENT MOZAMBICAN POETRY

DANIEL DE OLIVEIRA GOMES

setepratas@hotmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná

<https://orcid.org/0000-0003-0325-9846>

RESUMO: Chagas Levene é um poeta original de Moçambique que se dispõe e se autodefine, em versos, como um “eremita poético” do presente. O ensaio em questão aborda a sua obra, buscando as referências estéticas na moçambicanidade contemporânea, bem como das menções políticas pertinentes. Também busca-se entender quais influências o situam nesta posição eremítica.

Palavras-chave: Poesia africana; Chagas Levene; eremita; poeta moçambicano

ABSTRACT: *Chagas Levene is a Mozambican poet who defines himself as a "poetic hermit" of the present. This essay deals with his work, in search of aesthetic references in contemporary Mozambicanity, as well as relevant political references. It also aims to discuss what influences it in this eremitic position.*

Keywords: *African poetry; Chagas Levene; hermit; Mozambican poet*

“Descalço imito eremitas antigos, mas o único mosteiro que conheço é este velho smartfone onde me acorrento e oro como um faquir em cima de lâminas”
(Chagas Levene)

1. Pirotecnia: Influências das luzes

Começo com o termo “pirotecnia”, usado pelo poeta moçambicano Chagas Levene, tanto na obra *Pirotecnia* (2016), quanto em *Porto das Luzes* (2010). Define o autor: “A PIROTECNIA / A minha tristeza é a felicidade/ Com que construo a pirotecnia dos meus poemas” (LEVENE, 2010, p. 24). Se em *Porto das Luzes*, o termo pirotecnia aparece como definição ambígua de sua tristeza feliz, a *Pirotecnia* como título de outra obra, assume relação também com uma questão vivida em Moçambique e que caberia, aqui, explicar: “Pirotecnia” surgiu derivada de uma situação de insegurança que se viveu nas duas principais cidades de Moçambique onde, por tempos, o Estado tornou-se impotente ante o desejo popular de justiça a todo custo, e as pessoas começaram a recorrer às práticas de linchamentos. Coisa, infelizmente, recorrente em outros países da África. Pirotecnia,



no sentido estrito do termo, alude a se manusear fogos de artifício para entreter um público qualquer. Notar linchamentos em Moçambique como um efeito pirotécnico é criticar, acredito, não apenas a ausência do Estado, mas também ironizar sobre os linchamentos como efeitos de justiça, quando por prática se passou a incendiar os corpos das vítimas em pneus. Esta prática coletiva, de tocar fogo no corpo-vítima, surge como modo ritualístico de marcar publicamente a fatalidade do condenado como algo excepcional e modelar de punição. É marcar com a pirotecnia que a morte exemplar não é apenas dada como uma morte a mais. Pirotecnia, quem sabe, desponta do repensar irônico sobre a natureza humana como natureza instintiva-institucional, a partir do fenômeno dos linchamentos em Moçambique.

Em *Pirotecnia*, a estrela é este pneu em chamas na noite com um corpo humano incendiado pirotecnicamente, a estrela surge do horror, eis o artifício por justiça que gera o intolerável do útil. Já em “Porto das Luzes”, a estrela tem o significado da esperança em meio à desesperança, posto a inspiração para o livro, que começa a provocar os primeiros esboços de Levene maravilhado após ler Luís Carlos Patraquim, muito embora boa parte dos poemas sejam derivados de anos de trabalhos sem ter em vista propriamente a publicação de um livro. Patraquim, autor-referência de Levene, que em entrevista a Manuel Nunes confessa sua necessidade interior de “dizer as coisas que já foram ditas” (PATRAQUIM, 2006, s/p.) a partir de uma perspectiva de maravilhamento do mundo. Levene, por sua vez, também busca uma poesia que reitera muitos dizeres, dizendo o que já foi dito, na medida em que ele escreve almejando um maravilhamento, mesmo no impossível.

Como vemos, duas referências antagônicas de moçambicanidade constituem o estopim dessas obras. Em um livro, portanto, Levene maravilhado e movido pelo maravilhamento de Patraquim, em outro, Levene horrorizado, movido pelo horror dos linchamentos públicos. No entanto, a metáfora da estrela permanece semelhante em ambos os livros, marcando a coerência estética que desemboca em *Tatuagem de Estrelas* (2007). Pois bem, não poderíamos afirmar que um livro seria mais militante do que outro. O militantismo de Levene acontece naturalmente, primeiro por sua origem, tendo crescido em um país como Moçambique, que desde sua independência acaba governado pela mesma elite, segundo, por um fazer poético que milita de modo mais holístico como ação pela escritura que ultrapassa a política e o pós-colonialismo como questões capitais de uma configuração nacional. Seu militantismo é estético e, ao dizer isto, justifico notando a ação de uma reflexão da qual Moçambique compartilha, mas que não precisamente se restringe à esta terra e suas ruínas políticas. O questionamento de Levene parece dirigir-se, nesse sentido, duplamente: tanto numa crítica nietzscheana à humanidade em pretensão artificial de justiça e liberdade (quando, ao seu modo, a



questiona como “demasiado humana”), quanto ao artifício de seu próprio tecer poético, ponderando então um lado metapoético, ou seja, debruçado sobre si mesmo. Explico melhor, Levene me parece quase sempre, ou ao menos frequentemente, dirigir-se a si mesmo também, mesmo quando acaba usando um tom eremítico, como se se dirigisse a um outro universal, incondicionalmente ao tempo presente.

Minha tristeza é uma paisagem
Que sobe pelas paredes
Deita-se ao anoitecer e de madrugada puxa-me os lençóis
A recordar-me o dia mal passado,
Na enchente do rio das minhas dúvidas.
Como um eclipse inevitável prendo-me num cigarro-
Uma bengala incandescente onde trituro meus pulmões

Como um jumento para o sacrifício, procuro a sarça dos teus olhos
Que sobraram num retrato que recolho como as cinzas
De cigarros em cinzeiros de esplanadas de cafés. (LEVENE, 2010, p. 21)

Tal como nos versos nesse poema em que se aloca um “como jumento para o sacrifício”, na “enchente do rio de suas dúvidas”, Levene parece desconfiar de sua missão poética, buscando algo na “sarça” dos “teus olhos” (leitor? Poesia? Musa?), como “para o sacrifício”, entre cigarros sucessivos, buscando alguma resposta, ao prender-se “como um eclipse inevitável” no fumo para possivelmente escrever. A palavra “sarça” remete à sarça em chamas, registrada no livro de Êxodo, a qual Deus se revela a Moises, bem como a sua missão. Quem sabe, Levene vislumbra a sarça ardente (pneus com corpos carbonizando no fogo) como a estrela/anjo/horror que o guia a escrever *Pirotecnia*.

A questão da degenerescência é levantada, constantemente, em Levene. Desdobrada por vezes no poeta mesmo (onde vemos um superdimensionamento do íntimo, da tristeza, da busca de fuga pela criação des/comprometida) ou nas denúncias do mundo que ele observa (um mundo degenerado que evoluirá). A degenerescência do mundo observado nos linchamentos ocorridos em Moçambique é vista como a de uma sociedade infra-moderna que sequer alcança a complexidade de um poder disciplinar (para pensar em Foucault) na população. A regulamentação da população é investida num jogo de tecnologias particulares daquele lugar, mas que Chagas Levene utiliza como pretexto para questionar o humano sob uma obra maior. Não haveria um mecanismo, inconsciente ou consciente, de purificação de raça, de biopoder, que asseguraria uma linha evolutiva na “raça moçambicana”, ali sendo operada? Uma condição de aceitabilidade do horror, deixando eliminar ou eliminando os baixos, os insanos, os criminosos, os julgados em público, por linchamentos? Paradoxalmente,

também, podemos aproximar da noção de uma sociedade de guerra instalada em Moçambique, ou uma sociedade des-normalizada derivada de uma tradição de guerra com uma democracia muito incipiente para se ponderar implantada. Nesta sociedade de guerra, algo funciona onde sequer o biopolítico pode ser estabelecido como mecanismo, onde o problema urbano da justiça é o do descontrole, e não o do controle, da degenerescência (os linchamentos). Ou seja, a condição de aceitabilidade de se eliminar vidas publicamente em prol da justiça justa, a justiça que purifica fenomenologicamente pelo fogo, pode vir a ser tanto própria de uma sociedade de normalização, quanto de des-normalização. Ou, pode ser uma forma de normalização biopolítica funcionando sutilmente numa sociedade em superfície des-normalizada, onde está vigente o controle dentro do descontrole³⁰.

Não custa reiterar que a degenerescência é levantada, muitas vezes, também como louca busca do poeta por uma solução utópica, pela fuga na escritura. A estrela de Levene é ele mesmo, também. Papel-espelho, refletindo ao poeta aquilo que ele mesmo procura, esperança solitária, seu próprio rosto íntimo. Crescente tristeza pessoal como “paisagem que sobe pelas paredes”, tal como o musgo e a vegetação sobem por destroços de ruínas abandonadas. Levene busca sua própria poesia, esperança solitária na desesperança/desespero, quase uma estrela no céu, que é ele mesmo, o ser humano. Nos versos finais de “Pirotecnia”: “Arranho as portas da noite. Bato desesperado as janelas/ Posso construir algo com os livros que li?/ Na ante-câmara da memória vêm-me os sonhos abandonados, turvos [...]” (LEVENE, 2016, p. 49). Uma voz anacrônica, em desassossego individualista, de um certo espírito dormente com os astros artificiais que o circundam, de modo a possibilitar um paralelo com uma de suas possíveis referências de leitura, um quase poeta, um quase-heterônimo, Bernardo Soares. Como diria em *Livro do Desassossego* (1982), “oh noite onde as estrelas mentem luz [...]”; ou “toadas a mármore em longes palácios, reminiscências pondo mãos sobre as nossas, olhares casuais de indecisões ocasos em céus fatídicos, anoitecendo em estrelas sobre silêncios de impérios que decaem [...]” (SOARES, 1982, p. 198). Em “Via Láctea”, Bernardo Soares buscava descrever sua ruína interior, mas ainda quiçá menos arruinada que a dos olhares objetivistas de tantos que buscam descrever o exterior (a tristeza niilista que duvida do próprio real e “sobe pelas paredes”, como quer Levene). Nesse sentido é que a decadência interna e a externa, a que se sente no não poder dizer nada ante um fato e a que se vê no exterior, na ruína exterior do mundo, são uma única substância emotiva.

³⁰ Um controle de maior prazo dentro do descontrole cotidiano, onde a justiça normalizada do Estado moçambicano esteve ausente, impotente, ocorrendo, por exemplo, os linchamentos de pessoas.

Tal como em “Falar sobre o falado”, Fiama Hasse Paes Brandão diria “sejam ou não fogo (as estrelas) mova-se ou não o sol (de Copérnico), duvida do real, que dizem estar em si, mas não duvides jamais do amor de que te falo, ou das palavras” (BRANDÃO, 1988, p. 15). Há, portanto, nesses poetas, a esperança no real a partir de um maravilhamento que passa pela subjetivação sensacionista em primeira instância. A palavra é capaz de dizer e sentir mesmo ante o inefável. Decadência dupla, ruína interna e externa, desesperança e esperança, imanência transcendente, dúvida e certeza. Em Fiama e em Levene leio, de modos distintos certamente, a repotencialidade ancestral e bucolicamente próxima da natureza que a palavra catalisa como força de nomeamento e força de afeto.

Mesmo que as estrelas sejam sempre apenas palavras, estar semiatento (e semitonto) ao real é a missão poética paradoxal que se pauta no duvidar do real. Duvidar das estrelas ao falar sobre o falado, espécie de reconvergência cósmica ao ceticismo. A palavra poética (amável, amorosa, natural) deve ser esperança, assim mesmo, por ser capaz de chegar ao âmago conotativo ou imanente das coisas, por mais que esta essência só se constitua na própria poesia. Para Fiama e Levene, o real e a matéria poética são um movimento de troca, intercâmbio com a natureza da criação, de modo que o percurso é feito pela matéria percorrida. Escrever ou falar sobre o falado, o olhado, o testemunhado, é, independentemente do prazer ou do horror da cena, estar imerso nesse percurso, nas rochas, escombros, cemitérios interiores e desassossegados do próprio poeta. Isso tudo, sem a certeza de ter conseguido ou não: “[...] eu apenas deixo aqui e ali metáforas pouco conseguidas/ de poemas por escrever [...]” (LEVENE, 2016, p. 49).

2. Influências das sombras

Desdobrando a nossa caça às influências das sombras de Levene, outras referências mais diretas seriam José Craveirinha, Jorge Viegas, Heliodoro Baptista, Eduardo White, Ungulani Ba Ka Khosa e Celso Manguana (embora este seja mais um colega e amigo que partilhava com ele as influências de formação, na geração Oasis). E também, Ezra Pound, Herberto Helder, Bernardo Soares, dadaístas, movimento da *beat generation*, Allen Ginsberg, dentre tantos outros, e, de soslaio, também o Nobel T. S. Eliot, que, em uma estrofe de seu poema “Homens Ocos”, diria:

Os olhos que temo encontrar em sonhos
No reino de sonho da morte
Estes não aparecem:
Lá, os olhos são como a lâmina
Do sol nos ossos de uma coluna
Lá, uma árvore brande os ramos



E as vozes estão no frêmito
Do vento que está cantando
Mais distantes e solenes
Que uma estrela agonizante (ELIOT, 1981, p. 40)

Estrela agonizante é a ausência da estrela, o oco do porvir. Estrela das sombras. A justiça surge artificializada por sua ausência. Há “outra noite” na noite, como diria Maurice Blanchot. Outra coisa na ausência das coisas, da vida. Levene bebe dessas “chagas”, dessas águas, desses sonhos, e o tema da morte sempre vai presente atrás e para aquém das estrelas. Outra referência de Chagas Levene que valeria destacar, sobretudo, também, seria Heliodoro Baptista – escritor irreverente da província de Zambézia, cuja poesia eclética era conhecida em jornais; autor de *Por cima de toda a Folha* (1987), que no final dos anos 90 entrou deliberadamente em greve de fome por perseguição.

É isso: morre-se ou vive-se na ambiguidade
mas o amor empolga como nunca
antes em qualquer nervo desta galáxia.
Então pensamos:
por cima de toda a folha
há a luz, este surpreendimento
a suor de animais insaciados que se veste de nós
e de nós se assombra (ou inquieta, subverte?)
a urbana convivência
tecida em silogismos
e recamada de ódios.
As coisas, ah as outras coisas
surgem pela própria ausência. [...] (BAPTISTA, 1988, s/p).

Em entrevista, no catálogo de escritores de Moçambique³¹, de Michel Laban, Chagas Levene, em dado momento, é questionado por usar uma palavra americana em sua resposta. Questionava-se se a obra moçambicana é aquela que respeita uma língua portuguesa moçambicana, bem como, citava-se Jorge Viegas, que nunca usara uma palavra tipicamente moçambicana. Mas enquanto Bruno Macame respondia que seria preciso separar aqueles que usam português moçambicano em um nível ou em outro, Levene diz: “O certo é que o português aqui não está a desaparecer: são os fantasmas de alguns que não estão conseguindo acompanhar o *feeling*...” (LABAIN, 1998, p. 1227). Notemos que a resposta do poeta foge do espaço, do português, do contexto. De imediato, o entrevistador rebate “está a dizer o *feeling*, uma palavra inglesa!”, e a resposta de Chagas é: “Incorpora-se no português: qual é o problema? Isto aqui é uma questão de estar vivo, não temos de ser camonianos. Não quero vascodagamizar Moçambique” (LABAIN, 1998, p. 1227). De fato, como Macame dirá na sequência,

³¹ Raro material sobre poesia moçambicana, singular, mas em 3 volumes.

se precisassem falar chinês para se comunicar com o mundo, estariam dispostos. Trata-se de onde, possivelmente, advém este “feeling”, em Moçambique, nos jovens daquela geração. Resta-me imaginar que estavam a continuar referenciais da poesia rebelde americana, embora Levene, na ocasião, não soubesse tão bem falar inglês. Quem sabe, trate-se de uma energia surgida quando já se está cansado do próprio lugar, buscando mais do que o mesmo, uma busca de outros espaços, busca de outros sentidos, sentimentos. Pois bem, a respeito desta busca, seria a de uma poesia menos cerebral e mais sensível, emotiva. Ademais, eles eram muito jovens, naquele contexto, e queriam vivenciar emoções distintas. Provavelmente, um referencial forte em Levene tenha sido o “feeling” da música, também, para além da poesia de rebeldia americana, pois notamos afinidades constantes. Como alocaria o próprio Levene, na poesia selecionada para figurar ao fim daquela entrevista: “Os poetas não são o cérebro da sociedade/contudo funcionam como o sangue transportador de emoções/ para que a sociedade compreenda-se por si” (LABAIN, 1998, p. 1229)³².

3. O eremita cansado

Para repensar esses temas, teríamos que voltar ao próprio Iluminismo, que enfatizava o emblema utópico da ciência e da razão, pressentido a etapa revolucionária à qual chegaria, na queda da Bastilha, a noção de liberdade(s) como estrelas apagadas, ou da Justiça como irracionalidade. O tom solitário eremítico de Levene será uma das formas do autor revelar sua obscuridade, fazendo menção à origem normativa do homem contemporâneo, pautada na sociabilidade comum. Nesta impossibilidade de sociabilidade (pacífica) surge certa obsessão universal de Levene por Justiça e Liberdade. Falo obsessão universal porque, ao ler estes dois livros de Chagas Levene, não me parece vinda de uma raiz original africana, pautada em símbolos vividos numa moçambicanidade específica,

³² Dirigindo-se a possíveis eremitas da contracultura como ele, na vanguarda da poesia anticapitalista americana, Allen Ginsberg punha em versos hippies: “[...] olha desde o coração/ ardendo com pureza/ porque o peso da vida é amor/ mas, levamos a carga/ cansados/ e por isso devemos descansar/nos braços do amor/ finalmente devemos descansar/ nos braços do amor”. Estas mesmas mensagens que me transportariam a uma canção de John Lennon, me transportam à poesia de Levene em Moçambique. É uma questão de herança da contracultura, poetas que desconfiam dos pilares culturais do ocidente, que almejam viver este “sangue transportador de emoções”. Como pensar o velho pilar “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” numa poesia contemporânea como a de Levene que busca justificar tais pressupostos universais de justiça e racionalidade sob o manto de uma utopia atópica? No ensaio “*Sur la route du Temp*”, Juc Justin proporá que, em verdade, o irracional é a expressão natural do humano, lembrando a revolução francesa como redução da passagem brutal de uma sociedade de ordem a uma sociedade de classe, onde o homem novo nasce como “*citoyen*”, cuja vida e justiça é garantida pelo direito, por direito. Ou, para voltar a Levene e Moçambique, por um estado de direito, seja ausente ou não. Diria que Levene é contemporâneo em razão de fixar o olhar mais para o obscuro, neste céu. Pois, como citaria Agamben “[...] *le contemporain est celui que fixe le regard sur son temps pour en percevoir non les lumières, mais l’obscurité*” (AGAMBEN, 2009, p. 28)



mas sim um apelo anacrônico e atópico para as raízes da Justiça enquanto velha norma simbólica do ocidente. Dado, assim, pela voz de um “anachorète” moçambicano em estado contemplativo/meditativo de retiro, este “éremitisme” em desassossego de Levene, uma travessia sonolenta, interior, por um deserto sem estrelas. Qual eremita culpado e puro de Guillaume Apollinaire que brada “estrelas demais fogem quando eu rezo (...)”, a frieza azul escuro do manto do ermitão do tarot de Marselha indica uma noite escura e sem estrelas. Esse eremita coloca seu leitor como um consulente, no lugar adivinhatório e passivo, rerepresentando velhas mensagens. Assim a poesia de Levene dá conselhos de prudência, paciência, recolhimento e espera. No poema “Meditação” leremos:

Ajoelho-me defronte ao tempo como um eremita cansado.
Minhas indagações permanecem sem respostas
Que o murmúrio do mar guarda.
O rio enche-me as costas com seu cansaço milenar.
O horizonte treme com sua febre sem o por-do-sol.
Há muito que a esperança é uma mercadoria rara
Que as páginas desse tempo procuram reescrever nas praças
Como o murmúrio do mar, bato as portas de madrugada.
Dentro de mim há um rio e um porto onde busco a calma onde respirar.
Alguém responda
Onde estão os sonhos que cada estrela guardava. (LEVENE, 2016, p. 12)

Mas, afinal, o que estamos a esperar em meio ao desespero? O eremita cansado é, mitologicamente, o tempo (*Cronos*), com seu lampião para o alto da cabeça, tal qual na imagem mística de Tarot, ilumina a rota do tempo, mas nos ensina a tentar vermos a “outra noite”. Didier Colin, em seu livro de tarot divinatório, no qual estuda as origens históricas e as significações das imagens das cartas, elucida-nos que o eremita “(...) il vient éclairer notre lanterne, selon l’expression populaire en usage depuis de XVII siècle et qui a aujourd’hui le sens métaphorique d’apprendre, découvrir quelque chose ou en prendre conscience, être informé, éclairé, renseigné.” (Colin, 1999, p. 64)³³. Levene oscila com sua lanterna e, por vezes, sua fala eremítica é iluminada com um brilho radiante de esperança no futuro, um brilho de energia juvenil, e ele revela o que se espera no caminho do futuro: a evolução espiritual do homem como “força infinita” qual profetiza o poeta, no fim da violência, das armas, como uma “paz sem armas”.

³³ “[...] vem iluminar nossa lanterna, de acordo com a expressão popular em uso desde o século XVII e que, hoje, tem o senso metafórico de aprender, descobrir algo ou tomar dela consciência, estar a par, ser esclarecido, informado.” (Tradução nossa)



Por tanto terem andado, mesmo a tropeçar.
Por tanto terem desejado se elevar.
Por tanto terem construído o seu interior.
A mudança de cada um terá uma força incalculável
Como todos os rios nas barragens a produzir uma força infinita
Para que a humanidade brilhe mais que mil sóis,
Mil estrelas, mil cometas e haja enfim a paz sem armas. (LEVENE, 2016, p. 53)

Não está a falar na disposição imaginária onde a guerra mantém a paz, ou em crer que a política confere a paz (lembramos da inversão foucaultiana da frase de Clausewitz, postulando que a política seria “a guerra continuada por outros meios”). Pensar que a guerra ajuda a manter a paz é crer que as armas seriam fundamentais, posto que defendem a vida, mas sua poesia sonha, sim, uma paz sem armas ainda não alcançada. O eu-lírico, no poema intitulado “Mosteiro”, sentindo-se enclausurado como se “em um mosteiro”, confessa poeticamente a impossibilidade de um futuro realmente pacífico, sem guerras: “[...] Apago o silêncio dos gritos que assustam as manhãs com a sua sentença/ onde a receita é sempre o coro da impossibilidade de um futuro sem guerras” (LEVENE, 2010, p. 23). Vislumbra, pela poesia, uma coisa oposta ao que o inspira a escrever, mesmo na impossibilidade da esperança, vislumbra uma força infinita de uma paz sem armas, o que seria uma paz ainda inominada, mas que faria a humanidade “brilhar mais que mil sóis”. É a estrela almejada. (Quem sabe um brilho de juventude escondido por detrás do eremita cansado, quem sabe uma pirotecnia poética).

Talvez, mesmo, a busca dos linchamentos seja uma “paz armada”, uma paz que surge de uma intensidade guerreira, para Levene, é de onde a política pode se fazer possível³⁴. No caso dos linchamentos em África, onde se condenou à morte pública o degenerado, o anormal, o infrator, o aparato legal, institucional, é contraído em função de se potencializar a máxima “Fazer viver e deixar morrer”. Máxima que Foucault situava no emergir do século XIX, ou meados do XVIII, onde a vida, o bios e/ou a morte, tornavam-se efeitos de uma nova modalidade histórica de poder do Estado. Percebo que Levene não focaliza Moçambique em Moçambique, ao contrário, ele avança de Moçambique para mostrar o quão longe estamos todos de velhos ideais de normalidade e paz. (O poeta aposta numa visão epicurista de mudança, para que a humanidade pudesse, enfim, quem sabe, “brilhar mais que mil sóis”. Seria a individualidade ética a responsável por isso e não exatamente as governabilidades fracassadas).

Será que sob a paz, as subordinações às leis e ordens, ou seja, à Justiça, haveria uma guerra

³⁴ Inês Lacerda Araújo diria: “[...] A política deve provir da guerra, a guerra é a finalização do biopoder” (ARAÚJO, 2018, p. 151).



potencial, própria de uma violência inata situando o homem contra o homem, e as guerras com armas teriam surgido como parte estratégica de uma institucionalidade para apagar as guerras cotidianas, as guerras privadas? Vale lembrar as indagações de Foucault, em *Em defesa da sociedade* (1997), mais precisamente na aula de 21 de janeiro de 1976, ao se questionar se, acaso a relação de poder seria em seu fundo uma relação de guerra, “[...] sob a ordem calma das subordinações, sob o Estado, os aparelhos de Estado, sob as leis, etc.; devemos entender e redescobrir uma espécie de guerra primitiva e permanente?” (FOUCAULT, 1997, p. 53). Enquanto Levene percebe uma medievalidade em Moçambique, um não-Estado que faz constante uma guerra interna, Foucault lembrará que no fim da idade média emerge um Estado mais institucionalmente dotado de relações legais que suplantavam a guerra cotidiana pela guerra formal. Mas após esta hipótese, Foucault define que, em verdade, a Guerra é o motor das instituições e da ordem. Pondera Foucault: “A guerra é que é o motor das instituições e da ordem: a paz, na menor de suas engrenagens, faz surdamente a guerra. Em outras palavras, cumpre decifrar a guerra sob a paz. A guerra é a cifra mesma da paz. [...] Não há sujeito neutro, somos forçosamente adversários de alguém [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 59). Chagas Levene, percebendo os linchamentos como uma guerra justiceira entre os mais pobres, me parece ter esta consciência de decifrar uma guerra sob a paz, sob uma poesia pirotécnica, consciência de uma batalha permanente que não reclama por uma Lei que pusesse fim ao horror, mas por uma outra modalidade de paz, outra modalidade de relações de poderes, de atravessamentos de desejos, de beleza, de ações positivas. Levene denota que ali já está em curso uma Lei, uma norma, uma Lei no horror. Assim, ele vai na linha foucaultiana:

No início, claro, a guerra presidiu ao nascimento dos estados: o direito, a paz, as leis, nasceram do sangue e da lama das batalhas. Mas com isso não se deve entender batalhas ideais, rivalidades tais como as imaginam os filósofos ou juristas: não se trata de uma espécie de selvageria teórica. A Lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores; as leis nascem das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas, que tem sua data e seus heróis de horror; a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas, ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo [...]. (FOUCAULT, 1997, p. 58)

Mas, nos versos anteriores do poema já citado, alertava-se sobre as condições genéricas para se chegar a esta paz sem armas, e tais condições dependeriam de uma total desconstrução social. Esta anarquia estaria em demolir velhas construções para, com a mesma matéria prima, construir outras. Nossos desprezos, nossos acasos, nossas bandeiras, nossas fragilidades, nossas paixões, são tais construções. Além disso, uma redescoberta de si mesmo sem qualquer mediação pedagógica ou formal, sem escolas, um aprendizado solitário (novamente a solidão como esperança) onde o sujeito

seria o arquiteto de seu próprio viver.

Se cada um nessa caminhada descobrir que é sua melhor escola
Que é o arquiteto da própria vida
Se cada um demolir velhas construções
E com a matéria prima construir novos edifícios, novas pontes. [...] (LEVENE, 2010, p. 23)

Nesse pressuposto, “como os antigos quando se ergueram do chão” (LEVENE, 2010, p. 23), somos apartados das moralizações simbólicas tradicionais e formais do ocidente, e reenviados aos antigos, aos gregos, aos epicuristas. Foram estes temas explorados nos estudos da hermenêutica do sujeito como ao cuidado de si, por último Foucault, onde uma racionalidade moral poderia ser suplantada por uma racionalidade ética. Demolir velhas construções e criar um mundo mais inocente (poético) em que os seres humanos importem mais que as cores das suas bandeiras. Ou, como nos versos do poema “Tolerância”: “O que importam são as cores das bandeiras e não os seres humanos? Será que não existem inocentes neste mundo?” (LEVENE, 2010, p. 23).

4. Noite sem estrelas

Chagas Levene se autodenomina um eremita. Eremita, um ser noturno com um lampião nas mãos, iluminando com tal artifício um caminho obscuro. A poesia noturna sem estrelas deste poeta pode ser lida como a primordialidade da angustiosa tomada de consciência de uma “outra noite”. Ruído de um trabalho, trabalho de sondagem, trabalho de aterro, busca noturna do “oásis”. Blanchot, em “A Armadilha da noite”, propõe maneiras de se olhar a concepção de noite (o lado de fora do dia, a morte, obscuridade, ociosidade). O primeiro modo de se olhar a noite seria, usualmente, como um lugar cabal, como uma construção do dia, como mero “pressentimento” e sua “reserva de profundidade”, o dia é dia porque o sol nasce e termina, pura e simplesmente, assim a noite, nesse pressuposto dialético, seria mero lapso entre o movimento dos dias. Ou seja, o labor, a criação, a edificação do sol, são iluminadas e não obscuras. Podemos, contudo, acolher a ideia de noite e obscuridade como sendo um limite intransponível. Porém, Blanchot não assinala deste modo, “triunfo das luzes que simplesmente expulsam as trevas” (BLANCHOT, 1987, p. 167), porque “assim fala a razão” (BLANCHOT, 1987, p. 167). Blanchot propõe, ao contrário, a percepção de uma “irradiação oriunda da profundidade” (BLANCHOT, 1987, p. 168). A busca em questão é a da recusa, o distanciamento de si mesmo. Caminhar para a intimidade profunda do outro.

Noite sem estrelas, desestrelada, é por si só profunda cintilação desta “outra noite”

blanchotiana, onde “se entra certamente pela porta da angústia” (1987, p. 168). No entanto, quando tal angústia vira desejo de afirmação de si mesmo, impaciente vontade, o gesto noturno do caminho é arruinado. Quando Levene vai tornar-se um indistinto poeta desta “outra noite”? Talvez à meia-noite, como dizia Blanchot, “a meia noite cai quando os dados são lançados, mas só se pode lançar os dados à meia-noite” (1987, p. 170). Chagas Levene é um autor que jamais gostaria, aqui, de interpelar como um guardião da cultura africana ou oráculo de Moçambique. Isso porque não vejo tal característica em sua essência criadora (uso a palavra “essência” de modo meio arbitrário, meio buscando o outro lado desta palavra).

Ao voltar-se para Eurídice, no mito grego, Orfeu arruína a obra. Traiu a noite, traiu a obra. Orfeu devia descer aos infernos sem olhar para trás, preocupando-se com seu canto apenas. Mas foi procurar nas profundezas, justamente isto, a glória de sua obra, como pensará Blanchot. Ocorre que Orfeu olha no caminho a outra noite, imediatamente, ele é julgado pelo dia, e censurado por dar prova de impaciência, embora irresistível fosse para Eurídice, olhar para trás. Como no poema “Amor e Paciência”: “Porque falar de paciência se ela, perseverante, teima e aceita/ limpar os restos de mais um amor queimado?” (LEVENE, 2010, p.10).

Como quem “lê a sorte em pergaminhos” (LEVENE, 2010, p. 4), Chagas Levene procura o perfume da poesia e tenta aconselhar esta paciência da esperança. A impaciência é o perigo do eremita do tarot de Marseille, o que ele vinha nos dizendo sempre. Quando esta carta, esta lâmina, vira na mesa, a questão, o conselho, a recomendação, é paciência. “Poucos sabem que a dança do amor precisa da perseverança da paciência [...]” (LEVENE, 2010, p. 10). O erro de Orfeu é sua procura, levá-la a sério a ponto de pô-la em ato de desespero, o desejo exagerado por Eurídice, querer possuí-la. Então, ao chamar por ela, ao voltar-se impaciente para vê-la, Orfeu perde Eurídice e sua alma desaba em ruínas, destroços noturnos de sua transgressão. “Chamo por ti/ Como se procurasse o início dos sons do teu nome” (LEVENE, 2010, p. 16). Quem sabe, se ponderarmos a hermenêutica blanchotiana da inspiração poética desde o mito grego, na poesia de Chagas Levene, o olhar de Orfeu se sustente, como no poema “Uma canção em teus lábios” que diz: “Lá vou ao entardecer/ buscar as estrelas que marcam a tua ausência” (LEVENE, 2010, p. 17), neste caso, assim interpretando, Levene está na errância da impaciência, sobretudo na obra *Porto das Luzes*, quando o eu-lírico busca desesperadamente dirigir o olhar a um “tu”, que concluímos ser a própria poesia. Levene está traindo a si mesmo, pois não “ouve” o eremita, a sabedoria, o conselho. Não ouve o eremita, não “houve” o eremita. Levene precisa, às vezes, dar uma olhada se realmente é solitário no caminho desta noite sagrada, ao preço de sacrificar-se, (des)preocupado pela sua impaciência. Nas noites cintilantes de



Moçambique, por vezes, ele quer ver a si mesmo do lado de fora. Ele está por sair pela janela, coreografando uma dança exterior, identificando-se mais com a distorção dançante do piano de Thelonious Monk (o eremita americano), “como se ouvisse [...] as notas finais de *Blue Monk* agarro-me à janela/ Arrasto-me no rasto da poeira dos teus passos/ Descontrolado abano as minhas mãos [...]” (LEVENE, 2010, p. 23). Ressaltando que, neste verso, o poeta cita a canção “Blue Monk”, que vem a ser um blues dissonante daquele que foi conhecido como o anachoreta, ou o “eremita do piano-jazz”. Mesmo misterioso e um tanto dissonante, Levene sempre procura, como em “Flores ao entardecer”: “[...] o teu olhar para me aconchegar/ como se tocasse nas teclas de um piano [...]” (LEVENE, 2010, p. 25).

Por falar em eremita e tarot, por que não aludir ao pressentimento da fatalidade na cartomancia para Macabeia, ao fim da narrativa de Clarice Lispector? Afinal, *A Hora de Estrela* chama-se assim posto que a estrela, neste caso, simboliza a hora da morte, único momento em que a protagonista Macabéia consegue tocar a estrela idealizada de si mesma. Macabéia retira-se da cartomante e se encontra na “hora da estrela”. Assim, o desespero se torna uma paradoxal esperança, em Macabéia. “Semelhança cadavérica” chamará Blanchot, sobre este momento em que o ser se torna si mesmo, em que o homem se torna absolutamente homem a partir de sua morte. Este suicídio, que Blanchot podia ler como relação de liberdade desde Kirilov. A noturnidade fria, a estrela distante, a solidão do poeta, como naqueles velhos versos de Manuel Bandeira: “Vi uma estrela tão alta. Vi uma estrela tão fria! / Vi uma estrela luzindo na minha vida vazia/ Era uma estrela tão alta, era uma estrela tão fria/ era uma estrela sozinha/ luzindo no fim do dia [...]” (1973, p. 33). Eremítica paciência, “para dar uma esperança mais triste ao fim do dia”, diria Bandeira. Eremítica paciência ante a aproximação da obra, a aproximação da morte, expiação da falta, o lapso, o “oco” (Foucault). A própria tendência de Chagas Levene falando tanto em estrelas confere-se porque está em pauta também uma experiência de morte, de autossacrifício paciente e impaciente. Na “outra noite”, um místico zumbi, Orfeu, que tenta tomar sua Eurídice pela mão, tenta ler a mão da poesia, tenta sentir alguma intensidade, alguma vitalidade, pela escritura, e, sim, por vezes chega a sentir espasmos de vida. Veja-se o “Estrelas na tua mão”, quando diz: “Sinto alguns espasmos de vida a incendiarem-me o corpo/ Como se eu fosse mais importante que as estrelas/ Que correm pela tua mão” (LEVENE, 2010, p. 8)³⁵.

³⁵ Este “poder-escrever” da mão blanchotiana de uma relação antecipada com a morte, a ruína final. Poder morrer, em Macabéia, a morte como poder (de uma estrela única, uma hora única). Ou, como Blanchotalaria “será que morro eu mesmo ou será que é sempre o outro que morre em mim, de modo que me cumpriria dizer, propriamente, que eu não morre?” (BLANCHOT, 1987, p. 95). Ou, ainda, citemos a frase que Blanchot toma do mais infantil (para Bataille) dos escritores, Kafka: “Escrever para morrer – morrer para poder escrever” (BLANCHOT, 1987, p. 94)). Chagas Levene

“Quem roubou as estrelas que / mostravam o caminho do oceano do coração?” pergunta no poema “Dumbanengue nocturno”. O céu não tem estrelas na noite, nem pássaros, posto que a efigie da estrela, ou estrelas, em Chagas Levene, assinala a espera por este “oásis”³⁶ pacífico impossível ante um mundo em ritmo acelerado, onde seu coração de poeta contrasta. “Meu coração bate como relógios quebrados” (LEVENE, 2016, p. 15). Escrever à espera como quem não espera nada, significa ir imitando o mundo sem astros do ajudante de guarda-livros, o Pessoa em dias tristes que vinha a ser Bernardo Soares (uma das referências de Levene). “Ergo os olhos e vejo as estrelas que não tem sentido nenhum” (SOARES, 1982, p. 289).

Soares, também tão tenaz em sua inutilidade sociológica para Portugal, usa o pensamento metafísico neste estado de inércia, “Tenho amor a isto, talvez porque não tenha mais nada que amar, ou talvez, também, porque nada valha o amor de uma alma, e, se temos por sentimento que o dar, tanto vale dá-lo ao pequeno aspeto do seu tinteiro como à grande indiferença das estrelas” (SOARES,

passa longe da imortalidade, e não tendo temor à morte ou ao excesso de obscuridade, uma interiorização do exterior toma as rédeas do cavalo, do animal poético. “A intimidade é a eclosão e o jorro do exterior [...]” (BLANCHOT, 1987, p. 137), ou, ainda circulando em Blanchot, “a noite é inacessível porque ter acesso a ela é ter acesso ao exterior, é ficar fora dela e perder para sempre a possibilidade de sair dela” (1987, p. 164).

³⁶ O escritor e professor Lucilio Manjate fala sobre a revista/geração “Oasis”, em Moçambique: “Em Maputo, surgem duas revistas, a *Lua Nova* e a revista *Oásis – Jovens pela Literatura*. Criada em 1988 pela Associação dos Escritores Moçambicanos – AEMO, a *Lua Nova* ainda pôde testemunhar o surgimento de nomes como o já mencionado Rogério Manjate, que chegou a ser editor da revista, Aurélio Furdela (5), Clemente Bata (6) e Ruy Ligeiro (7), todos partilhando o mesmo espaço com escritores consagrados como Eduardo White e Mia Couto./A revista *Oásis*, metáfora da esperança na revitalização ou fortalecimento da nossa literatura, foi fundada em 1997, em meio a obstáculos e/ou dificuldades de publicação. Por isso mesmo, ela foi o espaço privilegiado de um fervilhar de emoções e desencantos de parte dessa geração ávida de ver os seus textos publicados e os seus autores reconhecidos como *escritores*. A este propósito, vale recordar um excerto do editorial do primeiro número da revista e sublinhar o seu tom irónico e inconformista perante certa obsessão de entidades de cujos vaticínios (infalíveis?), supostamente escudados numa temporalidade existencialmente irónica ou castradora dessa possibilidade de se vir a *ser* escritor/obra, seriam sinais reveladores de que os mecanismos que dificultariam a revelação das então novas vozes tinham sido accionados: **Profeta** – *Só daqui a meio século, ou mais... Oásis* – *Calma aí... o pensamento é a essência da existência, e eu penso. Profeta* – *Pensar não é existir meu filho. Não sejamos idealistas subjectivos, o vulcão só é quando há erupção. Uma coisa é existir, e outra é ser. Oásis* – *Não me confundas. As coisas não acontecem por si próprias, fazemo-las acontecer. Também não sou vulcão para usufruir da erupção. Eu sou o fim último de um rio subterrâneo num deserto... Profeta* – *Estás a ver... subterrâneo... deserto. Decididamente não existes. Só daqui a um século...! Oásis* – *A sua profecia é inconsequente. Melhor é comprares um cronómetro, o espírito do rio já perfura o perfil do deserto...* (8)./ A revista *Oásis* era propriedade da AEMO, cumprindo assim a Associação um dos seus desígnios estatutários, designadamente, o incentivo ao surgimento de novos autores. De resto, nomes como Aurélio Furdela, Ruy Ligeiro e Chagas Levene, que veriam mais tarde os seus textos publicados em outras revistas (como as já mencionadas) e em livro, publicaram inicialmente na *Oásis*. Outros, que mais tarde também saíam em livro, militaram na *Oásis*, casos de Dinis Muhai, Helder Faife e Sangare Okapi (este sob pseudónimo de Orpa Oripa de Barca). Importa destacar que a maior parte destes autores, por alturas da década 90, já publicava textos em jornais como *Savana* e *Domingo*.” (MANJATE, 2015, s/p)



1982, p. 8). Bernardo Soares, poeta de estrelas desassossegadas, próximas do vazio, do nada, da inação, do sono. Por isto, o *Livro do Desassossego* é repleto de frases como estas: “E por detrás da derrota surge pura a solidão negra e implacável do céu deserto estrelado” ou “mar morto de emoção refletindo uma ausência de estrelas” (SOARES, 1982, p. 8).

Este direcionamento “saint-exupéryano” a um “tu” (Saint-Exupéry, grande voz eremítica e voadora entre as estrelas do ocidente, escreve dirigindo-se à segunda pessoa como em sua obra póstuma “Cidadela”, obra de meditações filosóficas a qual o autor chamou de “poemas”). O “tu”, a segunda pessoa, para quem Cidadela se dirige, torna solene, suntuosa, atemporal, o dito de um lugar de sabedoria sobre o sofrimento e as lições sobre a construção de uma edificação que pode ser a própria humanidade em liberdade. Um “tu” humano apartado dos homens, da humanidade. Chagas Levene usa paralelamente dessa fala a um “semi-eu” (este “tu” que é ele mesmo). Usa um tom de aconselhador, quase profético, mas penso que são conselhos para si mesmo, quicá inaudíveis, um monólogo, uma declaração de si a si. Em sua “Declaração”, falando com “vários eus”, escreve ao próprio “papiro” que lhe serve de descanso/trabalho:

Escrevo mesmo quando não verto nada para o papel.
Escrevo com o lápis da esperança na epiderme dos dias
Escrevo como se limpasse a face a seres humanos cansados.

Escrevo com a brandura e ternura das mãos.
Escrevo com a alma das nuvens
Falando com os vários eus em mim, em ti

Escrevo para mim e para outros que sabem observar-me na rua
E verem como varia meu rosto a cada dia
Como o céu, como os rios,
Como as milhares de faces que um poema pode ter.

Escrevo à espera como quem não espera nada.
Escrevo como quem vai partir e não parte.
Escrevo porque sou e mais do que tudo
Escrevo porque és o papiro
Onde as minhas mãos cansadas descansam
À espera de um novo dia, onde esperar um poema. (LEVENE, 2016, p. 16)

Como quem não espera nada, a esperança na escrita como um lugar de repouso para uma nova escrita a esperar. Às vezes, a esperança em Chagas Levene se torna reverberação tautológica, ou a esperança de simplesmente escrever um poema. No entanto, a esperança na justiça e refúgio na solidão são dois pilares universalizantes de suas obras.

Gostaria que os seres humanos fossem insaciáveis de justiça



E que meu desejo se acrescente a muitos ao redor
Que estão cansados de desejar por tanto carregarem o fardo
De sonho de justiça e não terem quem os escute.
Gostaria que o desejo de justiça não esmoreça
E que seja límpido como as águas das nascentes
Para que se realize um dia mesmo que alguns não queiram. (LEVENE, 2016, p. 43)

Chagas Levene escreve para outros como ele. Escreve para outros desejantes de justiça, ou para um outro poeta, outro eu-mesmo, tão solitário quanto ele (já eremita cansado), seguindo a mesma jornada. Como no poema “Jornada”: “Nesta vida vais percorrer o caminho só./ Às vezes um e outro companheiro perceberão o que sentes/ mas no fim do dia [...]” (LEVENE, 2010, p. 10). Falamos de um poeta arruinado que, de repente, aparece como um eremita, ainda meditando em esperanças ante as ruínas do tempo e a impossibilidade da poesia mudar qualquer coisa no mundo, lirismo que guarda a esperança como algo valioso, como diria em “Meditação”: “[...] há muito que a esperança é uma mercadoria rara”. (LEVENE, 2016, p. 12)



Referências

- A. FREUDENTHAL, A et al (Org). *Antologias de Poesia da Casa de Estudantes do Império 1951-1963*. V. II, Lisboa: UCCLA, 2014.
- AGAMBEN, Giorgio. *qu'est-ce que le contemporain?*. Paris: Payot&Rivages, 2009.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. "Foucault com Busch, ou da relação entre Busch e o viagra". In: GOMES, Daniel de Oliveira; SOUZA, Pedro de, (Org.). *Foucault com outros nomes*. 2. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2018.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*, poesias reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- BAPTISTA, Heliodoro. "Paisagem com poema em segundo plano". *Cadernos Diálogo*. Disponível em: <http://antoniomiranda.com.br/poesia_africana/mocambique/heliodoro_baptista.html>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRANDÃO, Fíama Hasse Pais. *Falar sobre o Falado*. Porto: Afrontamento, 1988.
- COLIN, Didier. "L'Hermite. Novième arcane major du Tarot divinatoire". *Le Livre de Bord du Tarot Divinatoire*. Cidade: Marabout, 1999.
- ELIOT, T. S. *Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FOUCAULT, Michel. "A vida dos homens infames". In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. 4. ed. Lisboa: Veja/Passagens, 1992.
- _____. *Il faut défendre la société*. Paris: Gallimard/Seuil, 1997.
- GINSBERG, Allen. *Entre los poetas míos* (Colección antológica de poesia social. Vol I). Disponível em: <<https://omegaalfa.es>>. Acesso em 02 jun. 2020.
- JUSTIN, Luc. "Sur la route du Temps...". *Approches, Le contemporaine*, Paris, n. 175, sep. 2018.
- LABAIN, Michel. *Moçambique: Encontro com escritores*. v. 2. Porto: Fundação Antonio de Almeida, 1998.
- LEITE, Ana Mafalda. "Parágrafos sobre a poesia moçambicana contemporânea – sonho e violência, viagem e loucura, confissão e memória". *Via atlântica*, São Paulo, n. 16, p. 15-28, 2009.
- LEVENE, Chagas. *Tatuagens de Estrelas*. Maputo: Ndgira, 2007.
- _____. *Porto das Luzes*. Maputo: Ndgira, 2010.
- _____. *Pirotecnia*. Maputo: Minerva Central, 2016.
- MANGUANA, Celso. *Pátria que me pariu*. Maputo: Fundac, 2008.
- MANJATE, Lucilio. Da nova geração de escritores moçambicanos à ideia de qualidade literária. *Revista Triplov* V, n. 53, ago/set. 2015. Disponível em: https://novaserie.revista.triplov.com/numero_53/lucilio_manjate/index.html. Acesso em 02 junho 2020.
- MANJATE, Rogério. *Colectânea breve de literatura moçambicana*. Porto: Gesto, 2000.
- MENDOÇA, Fatima. "Poetas do indico: 35 anos de escrita". *Mulemba*, Rio de Janeiro, v.1, n. 4, p. 16 -37, jul.



2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PATRAQUIM, Luis Carlos. *O Osso Côncavo e outros poemas*. São Paulo: Escrituras, 2008.

PATRAQUIM, Luis Carlos. Luis Patraquim escritor: a sede de conhecimento em Moçambique é grande.

[Entrevista concedida a] Manuel Nunes. *Hojemacau*, Macau, 23 mar. 2016. Disponível em:

<<https://hojemacau.com.mo/2016/03/23/luis-patraquim-escritor-a-sede-de-conhecimento-em-mocambique-e-grande/>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

SERRA, Carlos. *Linchamentos em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. vols. I e II. Lisboa: Ática, 1982.

Artigo recebido em: 25 de fevereiro de 2020

Artigo aceito em: 01 de abril de 2020